

TESTEMUNHO E REVISITAÇÃO

CARLOS MENDES DE SOUSA*

“Diz-se às vezes que a língua portuguesa é um instrumento imperfeito, etc. Quando você escreve eu tenho a impressão de que é a língua mais cheia de nobreza de plenitude e de verdade. E isso é em si um dom tão natural como respirar.”

(Carta de Sophia Mello Breyner Andresen a Miguel Torga, 1949)

LConta-se de Miguel Torga que, um dia, depois de ter depositado uma carta num marco do correio perto de sua casa, em Coimbra, se deu conta de uma vírgula problemática que o importunava. À habitual hora da recolha da correspondência, aguardou pacientemente junto ao marco a chegada do funcionário para conseguir a devolução da missiva e rever o texto a enviar. De facto, quem conhece as cartas de Torga, que se encontram em alguns arquivos de escritores, identifica nelas os traços da sua escrita depurada de recorte clássico, cartas que podem figurar ao lado de algumas das suas melhores páginas literárias.

Cuidando da imagem que quis legar, Torga investiu na construção do nome em diversas frentes, concretamente no vigilante e obsessivo labor de reescrita, patente em sucessivas revisões e refundições dos livros, um trabalho continuamente assinalado, nas listagens bibliográficas das suas edições de autor. Numa nota do *Diário*, registou a prática de um “Auto-de-fé de todos os manuscritos antigos”, reforçando o posicionamento diversas vezes manifestado relativamente ao facto de que só o publicado por si contaria como obra sua. Repudiando a caça mórbida aos manuscritos e aos inéditos, afirmou com veemência: “não são os meus despojos que pretendo legar aos vindouros. É o mais vivo de mim, o que não testemunhe a tortura do percurso, mas a graça da chegada.” (*Diário* XIV; Coimbra, 1 de Julho de 1984). Já em

1949 e em 1950 (no volume IV e no volume V do *Diário*) assumira de forma lapidar o mesmo ponto de vista: “O legado são os livros que deixar impressos”.

Sabendo que lhe era impossível controlar o futuro da correspondência expedida, entende-se o significado do gesto acima referido da recuperação da carta posta no marco do correio. Refira-se ainda, a propósito dessa sua atenção às missivas que escreveu ao longo da vida, o facto de ter guardado, no seu arquivo, cópias de muitas delas. A edição de um volume que no futuro reúna cartas do autor de *A Criação do Mundo* complementarás naturalmente a leitura do livro *Cartas para Miguel Torga*. Contudo, esse não-cruzamento não obsta a estimulantes interpretações que aqui nos são oferecidas. Ainda que não seja possível reconstituir plenamente a interacção dialogal (muitas vezes entrevista), o traço comum da incidência na figura e na obra do destinatário reforça a coerência deste corpus.

2. O universo da epistolografia alterou-se completamente nas últimas décadas. Trata-se de uma evidência. E, no entanto, talvez hoje se troquem mais mensagens do que alguma vez se trocaram. O que desapareceu acima de tudo foi o tempo lento, o tempo das missivas extensas. Também há muitas interrogações sobre qual o lugar dos novos meios de escrita, os actuais bilhetes electrónicos, nos estudos futuros. Nem tudo desaparecerá. Os registos nos discos duros permitem reconstituições. Um amigo meu, o americano Benjamin Moser, que publicou recentemente uma biografia de Susan Sontag, para fazer a sua investigação teve justamente acesso a um número elevado de e-mails da escritora guardados num disco rígido. As cartas para Miguel Torga, que lhe foram enviadas pelo correio, agora parcialmente recolhidas neste volume, trazem consigo testemunhos que, sob diversos ângulos, estimulam leituras, incrementando uma dinâmica dialogante que muito contribui para uma revisitação da obra do autor de *Orfeu Rebelde*.

Gostaria de dar aqui um testemunho pessoal. Gosto de cartas. Gosto de livros sobre cartas. Uma das minhas primeiras expressões escritas foi epistolográfica. Creio que era habitual essa prática. A minha mais remota memória desse tempo lento, em matéria epistolar, prende-se com um diálogo à distância com a única avó que eu cheguei a conhecer. Eu tinha aprendido a ler, os outros avós já tinham morrido, e escrevia então cartas de África para a minha avó paterna. E lia nas missivas recebidas relatos pormenorizados sobre terras de uma Beira Alta que a distância e a imaginação iam mitificando. O

que é que isto tem que ver com Torga? Quando conheci essas terras, e já lia mais do que as cartas que recebia, os livros de Miguel Torga foram decisivos, dando aos lugares uma expressão iluminadora que me permitiu, como mais nenhuma palavra, reconstituir “o rosto do real — mais preciso e mais novo do que o imaginado”, como diz Sophia num verso célebre.

O meu caso só o evoco por ser um caso comum. É frequente depararmo-nos com testemunhos de leitores estrangeiros que declaram que a obra de Torga os ensinou a descobrir Portugal. O mesmo ocorre com muitos portugueses, ou filhos de portugueses no estrangeiro, que, por razões diversas, encontraram na obra de Torga uma forma de aproximação às raízes de um país que precisavam de compreender. Talvez por tudo isso não tenha sido mera coincidência o facto de o primeiro texto que eu publiquei, quando era aluno na Faculdade de Letras de Coimbra, ter sido um texto sobre Torga, numa revista da Associação Académica, a *Via Latina*.

Para mim também se reveste de um particular significado o facto de este livro ser lançado no “Espaço Miguel Torga”, em S. Martinho de Anta. É conhecida a centralidade de S. Martinho na mitografia do poeta: a permanente revisitação da terra natal, imersa num tempo arcaico, surge na obra, a par de uma vivência intensa de lugares e tempos marcados pelo espectro das contingências e convulsões históricas. Em relação ao tempo português vamos encontrar nos livros de Torga uma das mais espantosas radiografias do país, desde a ditadura salazarista até à chegada da democracia e ao pós-25 de Abril.

Nas cartas que foram endereçadas ao escritor, também encontramos um reflexo da importância que S. Martinho de Anta (a “Agarez” em *A Criação do Mundo*) ocupa na sua obra. Como ainda hoje acontece, entende-se que os leitores desde muito cedo tenham querido visitar o lugar, numa espécie de peregrinação literária. Há registos fotográficos de visitas à terra de Miguel Torga feitas por escritores como Ruben A. ou actores como João Villaret. Ainda que nestes dois casos não surjam as referências a essas visitas, nas missivas compiladas neste volume, era inevitável que o lugar comparecesse em outras cartas. E essas referências ocorrem desde muito cedo. Em 1951, a 31 de agosto, outro actor, Vasco Lima Couto, endereça a Torga palavras escritas justamente em São Martinho de Anta: “eu e o Taborda viemos de abalada por aí acima, de Nogueira de Carrazedo até cá, para ver o seu lugar, passar pelos seus caminhos, correr pelos seus diários.”// E que bem me fez

conhecer os seus!”. De data mais recente recordo as palavras escritas pela tradutora e extraordinária divulgadora da obra de Torga em França, Claire Cayron, numa carta encabeçada com a peculiar indicação “S. Martinho de Anta, à lareira, 1 de agosto de 1984”, palavras que dão conta de um expressivo relato, numa ocasião em que Claire Cayron ficou hospedada na casa do poeta. Ou ainda, dez anos depois, a carta de Louis Soler que, a 6 de março de 1994, apresenta as suas impressões relativas ao “1.º Congresso Internacional sobre Miguel Torga”, na cidade do Porto, destacando a ida dos participantes do Colóquio a S. Martinho de Anta: «Mais le couronnement de ce Congrès fut la visite à S. Martinho».

Pouco depois de ter vindo viver para o Norte, também eu quis conhecer S. Martinho de Anta. Foi com emoção que visitei o lugar, tendo ido de seguida a S. Leonardo da Galafura. Poucos dias depois dessa minha visita a S. Martinho, na primavera de 1989, deu-se a coincidência de eu ter encontrado Miguel Torga, numa ida ao cinema, em Coimbra. Recordo a grande preocupação do escritor relativamente ao que eu tinha para dizer sobre as flores do jardim da sua casa de Trás-os-Montes. E chego a um ponto fundamental da obra, e que estas cartas ajudam a entender, aquilo que também pretendi que ficasse claro na exposição que organizei no ano de 2007: falo dos rostos de Torga. Quando nos adentramos na obra do autor de *Contos da Montanha* depressa ultrapassamos a ideia feita do retrato estereotipado. Num dos núcleos expositivos, da referida mostra, que se encontra actualmente neste Espaço, a opção de reproduzir e ampliar retratos de épocas diferentes vai ao encontro das mais fundas razões da obra: “Determinar, numa palavra, que causa última me conduz, que força polariza os meus actos. Mas estou longe dessa descoberta”, escreve Miguel Torga, em 1948, no IV volume do *Diário*; em 1984, com quase oitenta anos, continua a interrogar-se: “Morro sem saber nada de mim. [...] E chego ao fim perplexo diante do meu próprio enigma.” (*Diário*, volume XIV).

Na obra de Torga, encontramos a alma do homem combativo, vertical, mas também a alma do poeta que cultivava e amava as flores. Que plantava e enxertava as árvores, como o pai lhe ensinou, num país onde com mágoa vemos que tantas vezes se desprezam árvores e jardins. Recordo aqui esse momento da minha primeira vinda a S. Martinho como um passo decisivo no processo de entrada no mundo de Torga – um mundo de indagação

profunda sobre o ser humano e um mundo que desvela um retrato admirável de Portugal.

3. O tema da identidade pátria que atravessa toda a obra é um dos múltiplos filões que nestas cartas se oferecem como possibilidade de releitura dos livros de Torga. Encontramos neles um projecto de escrita que assenta no propósito de configurar literariamente um completíssimo painel do país. Uma ideia feita circula com alguma frequência: Torga apenas teria fixado na sua vasta obra o Portugal rural e, muito em particular, o universo de Trás-os-Montes, revelado especialmente nos seus livros de contos sobre a Montanha. A efectiva leitura dos textos mostra-nos, contudo, como o quadro se amplifica, desde as representações de vivências urbanas em contos de *Rua* e de *Pedras Lavradas*; ao complexo mundo de tensões sociais em *Vindima*, romance centrado num microcosmo duriense; à condição do português aventureiro, no saboroso relato pícaro de *O Senhor Ventura*; ao impacto das oposições estruturantes do país dividido entre a terra e o mar (nas peças de teatro); à própria condição de emigrante no Brasil do protagonista do romance autobiográfico *A Criação do Mundo*; ao iberismo em *Poemas Ibéricos* e outros textos; ao registo nómada que capta o mais fundo retrato geográfico e antropológico do país, nas páginas do *Diário* ou no emblemático livro com o título *Portugal*.

Nesse sentido, encontramos expressivos documentos neste volume de cartas, como é o caso da missiva que lhe foi enviada em 1988 por Jacques Lang, o conhecido Ministro da Cultura de França, convidando Torga para participar numa manifestação em torno da literatura portuguesa contemporânea (“Les Belles Etrangères”), dizendo-lhe o seguinte: “votre présence aurait une valeur symbolique très importante pour le public français pour qui vous incarnez le Portugal”. Uma carta escrita por António Barreto, no início de 1979, dá igualmente conta dessa leitura: “Ausente, por razões que não são para aqui chamadas, na homenagem pública de Lisboa (e imagino o que lhe podem custar certas homenagens...), reservei-me este espaço íntimo para lhe dizer que me ajuda a perceber Portugal e a compreender porque gosto dele; que me ajuda a manter-me inquieto e quase impiedoso, comigo e com os outros; que me ajuda a nunca ficar satisfeito.” Esta carta foi escrita na sequência de uma homenagem a Miguel Torga, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, no final de 1978, no âmbito dos 50 anos da sua vida literária.

Nesse encontro celebrativo, esta tónica esteve presente em várias das intervenções. Destaco em concreto as palavras de Sophia e de Eduardo Lourenço. Na sua intervenção, o autor de *O Labirinto da Saudade* falou da dimensão colectiva do retrato do país: “O Portugal de Torga é antes de mais o das suas criaturas, descritas sem complacência mas com fundo sentimento de identidade de destino”. E na concisão lapidar da sua fala, Sophia de Mello Breyner Andresen assinalou a dicção própria nascida da íntima identificação com a terra: “Torga é um poeta em quem um país se diz”. As cartas destes dois amigos antecipam estas leituras, num modo mais directo, na linha do tempo.

Sophia – Outubro 1944: “Não sei dizer como gosto destes seus dois livros da Montanha. Há um Portugal que antes de si estava por exprimir. Compreendo tão bem quando no *Diário* diz: “Nas minhas veias corre a pedir expressão um rio de miséria e doçura”. Já agora não resisto a citar uma linha da Criação do Mundo que eu adoro: “Aldeias brancas acenando como o lenço duma namorada” – isto é tão português e é tão seu: é límpido, natural e lírico.”

Eduardo Lourenço – 22 abril 1957 (a respeito da 2ª edição de Portugal, revista e refundida): “Considero pessoalmente esta leve acentuação de perspectiva optimista como muito significativa. No meu entender o seu livro é um dos marcos sólidos que testemunham o fim de uma compreensão mítica do passado português em que havia muito de real incompreensão: refiro-me à geração de 70. Não porque eles tivessem errado em absoluto (quem acertou mais do que eles?) mas porque a nossa situação em parte se modificou e se modificaram em parte os ‘mitos’, os padrões ‘civilizados’ que serviam a Eça e Oliveira Martins para nos julgar.”

4. Gostaria de terminar com palavras de Eugénio de Andrade num texto que vem acoplado a uma das cartas e que é transcrito no volume. Trata-se de uma apresentação feita para acompanhar um conto de Miguel Torga, numa antologia. A coletânea, onde se podem ler essas palavras, saída em 1954, foi logo de seguida apreendida pela PIDE, e o texto acabou por não ser incorporado por Eugénio de Andrade na sua obra. Numa das cartas, Eugénio refere as razões dadas pela polícia política para a apreensão de *Encontro* (é este o nome da Antologia) – justamente os vocábulos vicentinos do conto de Torga aí incluído! As palavras do poeta de *Ostinato Rigore* resumem algumas das vertentes estruturantes do homem e da obra. Um homem empenhado

em mudar o mundo e um homem que se comovia diante das “coisas simples e simplificadas” como os rododendros e as azáleas do seu jardim de S. Martinho:

“Está escrito nos Evangelhos: O que é da terra, é da terra, e fala da terra. Whitman, Lawrence, Gide e Aleixandre são desta terra pagã de que fala S. João. Torga também o é, ferozmente. Melhor: sombriamente. Duma terra que dá, angustiada, uns magros frutos, cujo sabor o poeta conhece e ama, apesar do travo. É dessa terra humilde e orgulhosa que Miguel Torga arranca essa gente de coração primitivo, mais infeliz do que sinistra, ou dum mar que ainda é o prolongamento da mesma desolação.

E tudo isto num estilo ora violento, ora enternecido, sempre límpido e rigoroso, que é das coisas mais dignas que temos por cá”.

Nota: Este depoimento retoma parte da minha intervenção aquando do lançamento do livro *Cartas para Miguel Torga*, em S. Martinho de Anta, no “Espaço Miguel Torga”, em 28 de Janeiro de 2020, no âmbito da comemoração dos 25 anos da morte do escritor. O texto conserva alguns traços de oralidade que se prendem com o registo da referida intervenção, na qual pretendi juntar o meu testemunho revisitor às vozes dos correspondentes de Torga amplamente citados.